

Conclusão

"Legitimando el orden neoliberal: 100 días de gobierno de Evo Morales".

O estudo do CEDLA (2006), que se inicia com esta impactante afirmação, leva a discussão sobre as tensões entre permanência e continuidade do neoliberalismo na Bolívia para um terreno praticamente inútil. A dicotomia oferecida por este enfoque limita importantes discussões políticas e teóricas ao mero julgamento, imbuído de certo tom moralista, do governo Morales. O que tais discursos buscam de fato indagar é se o atual presidente boliviano e seus colegas de partido são "traidores da pátria" ou não. Invariavelmente, já possuem um veredicto pronto, embutido na própria formulação da pergunta.

Não faz sentido, portanto, girar em torno de uma discussão claramente rasa como essa. Seria preferível, então, reformular a questão e perguntar: em que sentido, por um lado, o neoliberalismo ainda é parte constitutiva da sociedade boliviana e, por outro, em quais aspectos podemos perceber uma transformação sólida? Até porque, parece razoavelmente claro, após tantas páginas, que a resposta sobre a permanência ou continuidade do paradigma neoliberal na Bolívia só pode ser uma, tão óbvia quanto inconclusiva: sim e não, ao mesmo tempo. Certamente, no que diz respeito ao tema dos recursos naturais - os hidrocarbonetos em questão - e sua *nacionalización*, observa-se que pouca coisa mudou. Melhor dizendo, é claro que mudou, afinal tivemos um decreto, conflitos, negociações e, enfim, novos contratos. Mas, no final, permaneceu praticamente como estava antes.

A relação do Estado boliviano com empresas transnacionais continua apresentando características que só podem ser compreendidas dentro de uma *estrutura histórica* neoliberal. Uma lógica empresarial estrita governa a atitude de

ambos, na maioria das vezes, quando o assunto é exploração e comercialização de petróleo e gás. Esta mesma lógica empresarial continua conferindo às empresas petroleiras prerrogativas em termos de lucro, tributos, discricionariedade econômica e jurídica, sem falar na falta de transparência em sua gestão, tolerada e, por vezes, emulada pelo próprio governo. Neste sentido, a contaminação do modo de ser, pensar e agir neoliberal nas esferas privadas e públicas da sociedade boliviana revela-se mais impregnada do que os manifestantes que cercaram La Paz em outubro de 2003 e vibraram com os anúncios de maio de 2006 poderiam imaginar.

A nacionalização dos hidrocarbonetos, de fato, não pode ser o grande exemplo de ruptura com o neoliberalismo, como anunciado e repetido tantas vezes por adeptos e críticos das posturas políticas do atual inquilino do *Palácio Quemado*. O curioso é que, apesar desta frustração, não se pode, em absoluto, repetir o sectarismo do CEDLA (2006) e taxar Morales como isso ou aquilo. Seria uma miopia muito aguda não enxergar as significativas mudanças que ainda estão em curso na Bolívia do século XXI, muitas delas ainda não suficientemente claras, mas certamente apontando para direções que transcendem os limites da pobre imaginação política das duas últimas décadas do século anterior.

Nesta dissertação, decidimos olhar para o lado que parecia mais óbvio - a *nacionalización* - afim de conferir, mediante este tema, os graus de sucesso da aventura boliviana em direção a uma era pós-neoliberal. Uma frustração? Pode ser. Mas isso não é um grande problema. Nesta odisséia, como em outras, a trajetória que nos propiciou as reflexões e experiências constitutivas da viagem possuem um valor inestimavelmente superior à qualquer ponto de chegada. Deste modo, trata-se, na pior das hipóteses, de uma "frustração interessante"¹, que abre mais portas do que fecha, estimula em vez de depressivamente aprisionar os ímpetus transformativos daqueles que não são capazes de simplesmente aceitar as coisas como elas se apresentam no momento. Principalmente quando essas *coisas* parecem tão grosseiramente injustas.

Caso o olhar fosse direcionado para outros flancos, o sabor que nos teria ficado certamente teria sido outro. O ódio mal-dissimulado com que a racista elite boliviana é obrigada a engolir algumas políticas públicas e até mesmo a existência

¹ Agradeço a Rob Walker por esclarecer este ponto e sintetizar a idéia por meio desta fórmula.

de um indígena na presidência fala por si só. A reação da comunidade [capitalista] internacional diante da nacionalização dos hidrocarbonetos também demonstra quão significativos são os desafios, mesmo que modestos, ao paradigma neoliberal. O amplo processo de alfabetização que, em menos de dois anos, permitiu à todos os bolivianos ter acesso ao direito de ler e escrever ainda vai gerar resultados impossíveis de se prever no momento. Com efeito, de um ponto de vista político-econômico as políticas de Morales não são socialistas, nem revolucionárias. Não se comparam aos projetos nacional-desenvolvimentistas que animavam os latino-americanos de meados do século XX, crentes como estavam que o progresso possuía uma linha única e claramente perceptível. E, além disso, que estava prestes a ser finalmente alcançado.

Na verdade, é menos ainda do que isso. Como bem percebe Ali (2008), a política-econômica de Morales é composta por algumas medidas esparsas de impacto social efetivo, porém limitado, comparáveis - ou semelhantes - em forma e conteúdo aos projetos da *Aliança Para o Progresso*, dos anos 1960. Naquela época, eram consideradas medidas conservadoras, destinadas a suavizar as grandes contradições sociais do sistema, evitando a disseminação de propostas políticas radicais. Hoje, as mesmas medidas são acusadas de radicais, irresponsáveis, populistas e até mesmo ameaçadoras da ordem vigente. E com considerável histeria, vale acrescentar. A implementação de programas de renda-mínima, independente de toda sua legitimidade diante da catastrófica realidade social de miséria extrema, não tem como escapar de seu berço neoliberal, conforme visto pela apresentação das idéias de Hayek no capítulo 1. Evo Morales, após a nacionalização dos hidrocarbonetos, adotou os programas assistenciais *Juancito Pinto* e *Renta Dignidad* - os *bonos*, como são conhecidos na Bolívia - como os projetos sociais que mais orgulhosamente reivindica.

Quiçá esta inversão de reações frente a medidas de caráter tão semelhante sirva para nos mostrar que foi o contexto que mudou, e muito. A revolução conservadora neoliberal foi profunda e, em grande medida, vitoriosa, logrando alterar os termos do debate político. O neoliberalismo apresentou todo seu vigor: trouxe o "centro", assim como o senso-comum, para a direita, e jogou a esquerda... não se sabe para onde.

Não é apenas o neoliberalismo que é contraditório, seja em seus próprios termos ou se contrastado com as diferentes formas em que se manifesta. O

processo histórico, como um todo, também o é. Quando mais parecia que se estava aplicando um golpe doído no neoliberalismo, entram em cena empresas transnacionais celebrando novos e vantajosos contratos petroleiros, com o benefício adicional de verem suas dívidas e crimes anteriores anistiados. Mas, até aqui, nenhuma grande descoberta. Pelo menos não para aqueles que já deixaram de se enganar com narrativas históricas lineares, as quais absolutizam conceitos e conjunturas, ignorando as contradições que dialeticamente produzem dinâmicas transformativas no seio das próprias estruturas que, em determinado instante, parecem homogêneas e eternas.

Um ex-Ministro da Fazenda brasileiro, conhecido por sua adesão incondicional ao paradigma neoliberal, costumava reclamar dos *esqueletos* institucionais deixados por seus predecessores, ainda não iluminados pelo pragmatismo eficiente das políticas pró-mercado. Assim como o suplantado paradigma nacional-desenvolvimentista, o neoliberalismo também produziu suas amarras institucionais, heranças e dívidas ideológicas difíceis de quitar. Na Bolívia, ao menos, *las trampas del neoliberalismo*, revelam-se poderosas, porém não mais invencíveis. Estão em franco processo de questionamento. O desafio maior, contudo, não parece vir do governo, que é ambíguo e cambiante em suas posturas, sempre buscando uma *conservação* de interesses, nem sempre possível. Mas o histórico de lutas, permeado por processos de reinvenção social e identitária, extrapolam os limites prévios daquilo que foi chamado de "imaginação política", abrindo espaço para que novas formas de conceber a "comunidade política" e, com isso, enfrentar problemas e desafios novos, que dirão respeito à nova estrutura histórica que vier a surgir (Walker, 1993; Cox, 1981).

O neoliberalismo não é uma coisa em si. Parece melhor concebê-lo como um projeto em constante reinvenção. Portanto, não é uma crise financeira, nem uma nacionalização, que irão acabar com ele, como chegou-se a sugerir. Talvez tenhamos sido ingênuos e levado demasiadamente à sério a postura auto-celebratória de Morales e companhia a respeito da nacionalização ("*acabó el saqueo de Bolivia*"; "*nacionalización del Estado*", "*fim del neoliberalismo*", "*fim del colonialismo interno*"). Levamos tão a sério que escrevemos uma dissertação baseada na afirmação - nem um pouco comedida - de Don Álvaro ("único projeto real de pos-neoliberalismo"). Entretanto, a questão, como dito, nunca foi apenas avaliar e julgar o governo do MAS. Isso era o de menos. O importante era tentar

encontrar pistas sobre as transformações do próprio neoliberalismo, a partir, inclusive, das resistências que sofreu ao longo de anos, décadas². E, na Bolívia, não foram poucas. Buscávamos encontrar pistas para conseguir continuar lidando com um problema que tem sempre uma cara nova, um jeito novo de se expressar, mas que teima em permanecer, senão expressamente em políticas públicas (e como permanece nelas!) mas certamente em nossas mentes, nossas categorias, nosso modo de racionalizar e interagir uns com os outros e com nós mesmos.

Em suma, uma ou outra política (*policy*) pode até mudar. Mas a real mudança política (*politics*) não virá por decreto, muito menos por tomadas simbólicas de poços de petróleo e gás que pouco mudam as relações sociais de poder anteriores. A emancipação tem que ser mais profunda, nem antes nem depois das mudanças materiais, mas durante o próprio processo de luta. Um processo que não produza tais transformações na forma de ser, pensar, sentir, agir e se relacionar, estará fadado a não ser mais do que uma "frustração interessante". Tampouco algum líder iluminado, por mais carismático e bem intencionado que seja, será capaz de brindar-nos - "*regalarnos*", como disse Morales em 1º de maio de 2006 - com esta libertação. Afinal, como já nos lembrava, há mais de 40 anos, um conhecido poeta do terceiro mundo, engajado como era em sua constante crítica das relações pessoais e coloniais de pilhagem e dominação, a transformação não está em nenhuma pessoa, teoria ou instituição externa a nós mesmos. *Emancipate yourselves from mental slavery/ 'cause none but ourselves can free our minds*. Vale para a emancipação frente ao neoliberalismo também.

² E não foi apenas na Bolívia que o neoliberalismo sofreu resistências e se re-inventou a partir delas, sofisticando suas estratégias exatamente por não ser mono-típico nem estático. No Brasil, para citar um exemplo, a privatização da Companhia Vale do Rio Doce suscitou uma ampla gama de protestos e polarização política. Com isso, a privatização da Petrobras, nos moldes em que tinha sido feita a da Vale, era perigosa ou mesmo inviável. Como esperamos ter demonstrado nesta dissertação, isto não foi empecilho para o neoliberalismo por muito tempo. A Petrobras hoje é uma empresa transnacional e atua de acordo com os interesses do capital - em grande medida, privado - que a constitui. Os bolivianos não têm dúvidas quanto à isso.